A ti, meu querido Hopffer,
unico amigo que me
restou da infancia.

O teu

Faiscas de fogo morto

BULHÃO PATO

Faiscas de fogo morto

IMPROVISOS DO MONTE

PÓ E SOMBRA... — NO SECULO XIV

ULTIMA FAISCA — NOTAS

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1908

Á MEMORIA

DE

URBANO DE CASTRO

ERRATAS

Pag. 122, lin. 10, onde se lê: Como serás feliz eternamente... leia-se: Como serás feliz eternamente!

Pag. 140, lin. 14, onde se lê: Vespera de santificado, leia-se: Vesp'ra de santificado.

IMPROVISOS
DO MONTE

CARTA

QUANDO partiste ainda havia
Um sol como de verão.
Partiste, e logo a invernia
— Triste do meu coração —
Rompeu de cara sombria.

Mar que vias da janella,
Tão sereno e tão azul,
Torvo ao largo se encapella
Com as lufadas do sul,
Dando nuncios da procella.

Uma avesita arribada,
Que á tarde poisou aqui,
Soltou um pio maguada;
Como eu as tenho de ti
Teve saudades, coitada!

Saudades... se breve espero
Vêr-te, que estás a dois passos?
Sempre a um pae é desespero
Não ter a filha nos braços,
E eu como a filha te quero.

De passagem te direi
Que hontem, descendo o vallado,
Com a casa defrontei,
E, vendo tudo fechado,
Por vergonha não chorei.

Quando do alto do casal
Me avistavam da janella,
Que alegria triumphal!...
Eras tu, e a Philomella,
E os lenços n'um vendaval!

—«Depressa, que o tio espera,
Jantar na meza, são horas.»
E a tentar cara severa,
E rindo como as auroras
Dos dias da primavera!

Agora vem da invernia
As cordas d'agua puxadas
Na força da ventania,
E essas janellas cerradas,
E eu sem a vossa alegria!...

Já nem sei o que escrevi...
Vou fechar a carta. Adeus!
Guarda um beijo para ti,
Dá-me um abraço nos teus,
Y nó te olvides de mi!

1899.

NO CENTENARIO

DE

JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT

SINGULAR genio o teu genio,
Que de quanto ha mais singello,
N'um sopro de encanto magico,
Creou quanto ha de mais bello!

Nunca tiveste tão fulgido
—Tendo gloria em toda a parte—
O sol que illumina os marmores,
Como n'este templo da Arte,

Que nem os assombros d'Eschylo
Te sobrelevam, no instante
Em que a moderna tragedia
Sae de teu pulso gigante!

Cravejaste em oiro as perolas
Dos annaes de Portugal,
No teu summo gosto artistico,
Cinzelador sem rival!

Sempre nos teus traços unicos,
D'um estylo peregrino,
Portuguez no sabor patrio:
Bem te chamaram divino!

Em tudo a graça e a ondulancia,
Que se não pode imitar;
Até nas turbidas lagrimas
Com que nos fazes chorar!

Na genial eloquencia,
Ora profundo, ora acerbo,
E no arrendado do espirito,
Que gentileza em teu verbo!

Na tribuna eram relampagos,
—Pasmo do proprio vencido—
Um encanto as phrases intimas,
No esmalte do colorido!

No matiz do nosso labaro,
Luzeiro de tantos mares,
É moto, em magas cadencias,
A lettra de teus cantares!

O poeta, quando ingenito,
Tem n'alma o poder sagrado
De accender a estrella rutila,
E de abrir a flôr no prado!

Sobre ti correu um seculo.
Que importa?... se tens agora,
Depois d'um occaso esplendido,
Sobre o teu berço uma aurora!

1898.

IRIA, A PASTORA

MOTE PROPRIO

LÁ vae pelos campos fóra,
Iria atraz dos novilhos,
Vencendo com seus modilhos
As cotovias da aurora.

VOLTAS

Os gallos, pelos casaes,
Soltam a voz crystallina;
Mas de outra voz peregrina
Não são elles os rivaes,
Que pode a garganta mais
De Iria, que vae agora,
Roca á cinta, campos fóra,
Atraz dos nedios novilhos,
Vencendo com seus modilhos
As cotovias da aurora!

Tempo algum lhe faz affronta.
Pelas borrascas de maio,
Ronque o trovão, caia o raio,
Assim que a manhã desponta,
Lá vae ella a tomar conta
Do gado, e mette a caminho,
Na roca estrigas de linho,
Pão de centeio na aljava,
Trepando a ladeira brava,
Mais leve que um cabritinho.

Quando em tardes de verão,
Ao sopé do castanheiro,
Tira encalmada o sombreiro...
Parece que a solidão,
Vendo-lhe a rara expressão,
A tanta graça e primor,
Começa a cantar de amor...
Iria treme, escutando,
Porque a voz que vem cantando
É voz de um certo pastor!

Viveram desde pequenos
Nos seus proximos casaes;
Amaram-se os dois zagaes,
N'aquelles dias serenos.
Não se amam agora menos,
Que ás tardes, voltando ao lar,
Iria vem a cantar,
Apartada dos novilhos,
Perdida com os modilhos
Que lhe improvisa o seu par!

1902.

EM PLENO ABRIL

A João Barreira

A abelha, a zumbir no prado,
Gira,
E o mel, do polen doirado,
Tira,
Para o seu favo arrendado.

Constroe, sobre o meu beiral,
Ninho
Uma andorinha real!
Promette o pampano em flôr
Vinho,
Como precioso licôr,
Que até se possa offertar
A Deus nas aras do altar!...

Entre sombras vem sahindo,
Nova,
E d'um verde fresco e lindo,
Folha d'hera que procura
Cova,
Que ha de ser-me sepultura!

1900.

PRIMAVERA

Georgica

Assim como esta vae (salvo seja!) pintando,
Ha trint'annos, ha mais, nunca pintou nenhuma!
Ora o sol rutilando,
Ora a ligeira bruma.

Nas entradas de abril
«Aguas mil,
Coadas por um mandil.»

Nas chapadas o trigo, a flux e lanceolado,
Ondeia á viração como as aguas do mar,
Quando o tempo é propicio. O variado pomar,
Abrindo todo em flôr; e não promette menos
A cepa, se vingar, com dias tão serenos.

Não sendo um furacão, em refervendo agosto,
Hão de os cachos rojar na profusão do mosto;

Mosto d'estas regiões,
Cantadas por Camões!

Deixemos misanthropias:
Tudo isto são quatro dias...

Não ha noite cruel que nos não dê aurora:
Viver, amar, cantar, á plena luz do sol,
　　Como já canta agora,
No balsedo copado o velho rouxinol!

1905.

VINDIMA

Georgica

D'ANTES o lavrador,
Quando vinham rompendo as fulvas primaveras,
E os cachitos em flôr,
Quando a vide a frondear trepava como as heras,
Entrevia no outono, ao fim de mil cuidados,
Dias nadando em luz, dias abençoados!

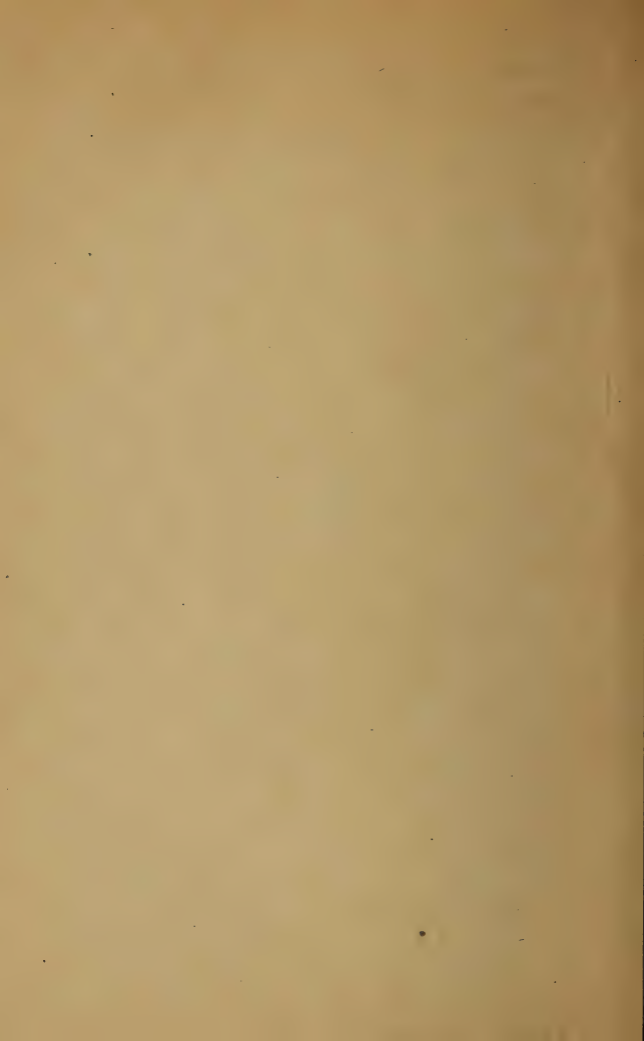
Nem o trigo nas eiras,
Nem na varzea o legume, e os fructos do pomar,
Lhe podiam pagar,
Como o vinho caudal, os gastos e as canceiras.

A castanha a estralar nas brazas do magusto;
Os bandos juvenis descantando e bailando,
Na roda crepitante!... Os picheis espumando,
Da picante agua-pé. Era beber sem susto.

Agora onde é que vae a rúbida folia;
Agora o lavrador, vendo que a novidade
Promette de vingar em grande quantidade,
Cae na misanthropia.

Talvez seja de mais tanta melancholia.
Custa menos cortar as sobras da opulencia,
Que viver na indigencia!

Emfim... N'esta abundancia alegra-se o povinho...
Sobre o pão já lhe vae tanto tributo novo!...
Coitadito do povo:
Alegra os corações o balsamo do vinho!

1905.

ALVORADA NO CAMPO

Georgica

No remoto casal do cimo da collina,
O gallo solta a voz vibrante e crystallina.

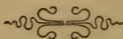
A calhandra, a subir, da abobada azulada,
Annuncia tambem a proxima alvorada.
Vivo, mas creador, o limpido nordeste,
Meneia a ramaria ao pinheiral agreste.

Na aldeia, aqui e além, mettem o pão tendido,
—Remedio da semana—aos fornos em brazido.

A ovelhada do bardo, e as cabras do curral,
Correm a tilintar, colleando pelo valle.

Ao monte, enxada ao hombro, o lavrador fragueiro;
A cachopa a bater as pedras do ribeiro,
E o destro maioral, co'a boiada bravia,
Lá vão a labutar por todo o santo dia!

Inda estrellas no céo. Lá vão!... Clareia agora:
As sombras, a tremer, refogem com a aurora!

1900.

NADA!

Livros de grandes lombada,
E tudo, fio a pavio,
Uma estupenda maçada!...
Do paiz... nem o arrepio
D'um pico salgado... Nada!
....

Nas serras da nossa Beira,
Um magusto de castanha,
E circumdando a lareira,
Olhos de força tamanha,
Que matam por brincadeira!...

A cantar a canna verde
Uma cachopa de Aveiro,
Chispando como um valverde,
De tamanquinha e sombreiro,
Com que o mais santo se perde...

Revoluteando a bailar,
Arrecadas, rendas brancas,
Olhos em braza a saltar,
Batendo as roliças ancas,
Derreada sobre o par!...

No Alemtejo, manhã fria,
Pelos bravios montados,
A retumbar a alegria
D'alguns moços bem plantados
Que lá vão á montaria!...

Nas nossas vastas campinas
Novilhos brincões mugindo,
Pelas tardes crystallinas,
Entonados, investindo,
Provando as forças taurinas!...

Com os passados alentos,
Propiciarmos o futuro,
E ás minas dos monumentos
Arrancarmos o oiro puro
Dos nacionaes sentimentos!...

Nada!... Extrangeiras figuras,
Repintadas bem ou mal,
Que ás primeiras raspaduras
Deixam vêr o original,
A rir das caricaturas!

1903.

HYMNO

NÃO ha senão sangue e lagrimas
N'este desterro?...
Nem o reflorir de um dia?...
Maldita neurasthenia...
Morrão de enterro!

....

Quanto aos olhos se desfaz
Transforma-se em luz vivaz,
Em força providencial,
Que de toda a natureza
Sobe para o ideal
Da virtude e da belleza!

Canta a estrella nas alturas,
E ao vir o sol no horizonte
Até o espargô no monte,
E os cardos pelas agruras!

O véo negro da inconsciencia
Correu-se de edade a edade,
E agora á voz da sciencia
Resgata-se a humanidade.

O verbo, sempre efficaz,
Circumda instantaneo a terra,
E as maravilhas da guerra
Já são primicias da paz.

Bemditos labutadores,
Seremos, olhando além...
Alheios ás proprias dôres,
Conquistam triumphadores,
Como apostolos do bem!

Maldita misanthropia,
Onde se abysma o talento
N'uma esteril agonia!...

N'este grandioso momento,
O saber universal,
Ganha a batalha campal:

Gloria Excelsa ao novo dia!

1905.

ARTE

A Fialho de Almeida

Surges da folha morta, eterna primavera,
Arte, supremo encanto! — imperio do ideal,
Nos abysmos do mar, nas estrellas da esphera,
Nas violetas d'abril, no rugir da panthera,
E no infinito amor d'um beijo maternal!

Crias um mundo novo em fulvas phantasias!
Tudo quanto acabou teu sopro reconstroe!
Dás voz ao cepo inerte, ás brenhas, melodias,
A extinctas gerações o sol de novos dias;
Tiras da pedra a Deusa, e do bronze um Heroe!

E sempre juvenil quem se abraça comtigo!
A dôr, no teu regaço, é solio, não é cruz!
Se cae um filho teu nas sombras do jazigo —
Sepultura da inveja! — ó Arte, ao teu abrigo,
Da valla se alevanta em columna de luz!

1897.

TRABALHO E SCIENCIA

. . . .
Canta, canta, no espaço, alegre a celebrar
O infinito do amor, no eterno verbo amar.

Livro do Monte.

Justos!... não ha. O mundo hoje é diverso.
Ao mundo veiu um dia a etherea luz;
Era Christo!... Pregaram-no na Cruz,
Com dois ladrões; um bom, outro perverso.

Não pensemos agora em santidades...
Vamos a vêr se a prepotencia humana
Se torna menos vil, sangrenta, insana,
Se tem mão nas crueis iniquidades.

A multidão faminta é sempre inquieta.
A terra negra! Sem o trigo loiro,
Não ha christão, judeu, turco, nem moiro,
Que vá para a Thebaida como Asceta.

Então?... Então luctar em prol do bem,
Olhos postos no azul da immensa esphera.
Ha de vencer quem nunca desespera,
Quem não tem no seu peito odio a ninguem!

Amar, amar, nas sombras, o ignorante;
Levar a luz ao tredo scelerado,
E dizer-lhe:—Resurge, desgraçado,
Que tambem do carvão sae o diamante!

Mãos á obra; sem tregoas. Cada qual
Que procure, nos meios da sciencia,
Resgatar as miserias da existencia,
Lograr o pão e a paz... Modesto ideal!

1905.

VOLTANDO DE ROMA

Levado por illusões
Fui, e tacteei c'o as mãos proprias
O templo das ambições...
Não me surgíu um dilúculo
Das christengas tradições!

Nazareno, Redemptor,
Dá-nos nova sede d'agua
Da fonte do teu amor,
Que morremos n'esta fragua
Como tu na cruz, Senhor!

Vem do azul da madrugada
Á flor o orvalho, e de lá,
Da sempiterna alvorada,
Onde estás, não chegam cá
Senão lagrimas, mais nada!

Será por que alguns levitas
Perverteram a piedade
Das tuas vozes bemditas,
Nas sombras da iniquidade,
Com maldades infinitas?!...

Pode acaso Satanaz
Na terra vencer a Deus?...
Pois este mundo não faz
Parte d'esses orbes teus,
Onde tudo é luz e paz!

Tu não nos podes valer,
Tu, que até das immundicias
Nos dás a flôr a romper,
Com as virginaes primicias
No teu ignoto poder!...
....

Leão de excelsa nobreza,
Translucido! Cae do solio,
E, de tamanha grandeza,
Só nos deixa, como espolio,
A grei n'uma lucta acceza!

Nós que havemos de esperar,
Filhos do consorcio tragico
De Adão e Eva?... Acabar
Ás mãos dos Cains lendarios?...
A lenda é que ha de findar!

Largou barco e redes Pedro.
Christo já não volta a Roma,
Ter mão no mystico cedro;
Não invoquemos Sodoma,
Nem apologos de Phedro!

O scisma vem torrencial
Ao seio do Vaticano;
Talvez que a lava caudal
Redima o genero humano
Do Peccado Original!

1906.

BENTO ESPINOSA

Bento Espinosa, o Judeu,
Oriundo da nossa terra,
Deitou os Deuses a terra.

E tambem arremetteu,
De gladio em punho, o cruel,
Contra o seu Deus d'Israel!...

Da Synagoga maldito;
Maldito,—do Vaticano;
Só da sciencia bemdito!

Este obscuro vidraceiro,
Como um vulcão d'um abysmo,
Rompeu, dando o Pantheismo,
Assombro do mundo inteiro!

....

Ha pouco foi coroado,
Por um dos nossos poetas,
De rosas e violetas
Do aroma mais delicado,
No Ar Livre, puro e lavado.

Porém, se o destino adverso,
Faz que a chusma dos patetas
Descante Espinosa em verso...

Ai! do Espinosa... Coitado!

BRUXARIAS

Que é isto, que em plena paz,
Prenuncios de bom futuro,
Em sobresaltos nos traz
Sem que uma nuvem minaz
Se entreveja no céo puro?

Correm brisas de feição,
O barco bem mareado;
Mas toda a tripulação
Tem um ar desconfiado
De quem espera tufão!...

Os charlatões, n'outros dias,
Descobriam o porvir,
Com as suas alchimias;
Hoje tudo isso faz rir,
E comtudo... ha bruxarias!

Pois com tão serenos mares,
E risonhos firmamentos,
Tremer de crueis azares!...
Serão só presentimentos,
Ou coisas que andem nos ares?!

1906.

VERSOS CAPARICANOS

Conselhos a um rapazito esperto

Bom successo ninguem diz,
Fica melhor *delivrança*,
Que assim se fala na França,
E as modas vêm de Paris.

Tampouco sobrelevar,
Que em portuguez transcendente
Salientar vem de saliente,
E cae-lhe mesmo a matar!

A palavra concorrencia
Passou como velharia.
Fica melhor hoje em dia
Dar-lhe o nome de Assistencia.

Rapariga... ouves dizer;
(Anda sempre de alcateia
Contra estas falas da aldeia.)
Mademoiselle, ha de ser.

Não uses, moço discreto,
Jámais de completamente,
Que a geringonça, actualmente
Não quer senão: por completo.

Fétiche, affirma o Littré
Vir do portuguez feitiço;
Mas tu não me digas isso,
Senão *fétiche en français!*

Tambem um pico de inglez
Não destoa n'este instante.
Flirtar é mais elegante,
Que o cortejar portuguez.

Montra?... Sim. Então que tal...
Havia ser mostrador?...
São coisas que têm bolor,
Sediças... de Portugal!

Hoje, phrase de puristas,
Com elegancia a valer,
Francez e inglez ha de ter,
Senão é de Quinhentistas.

Companheira é como chama
Á mulher o povo inculto,
O burguez, homem mais culto,
Não diz senão: a madama!

O tempo, corrente viva,
Nos leva no turbilhão,
Pae e mãe do coração,
Da bôca a lingua nativa!

Se um joven na adolescencia
Dá em verso o seu recado,
É chamar-lhe um consagrado,
Doublé de varia sciencia!

Se algum intellectual,
(Isto de ter intellecto
É só para o mais dilecto
Do misterio genial!)

Rompe n'um grande fracasso,
Botando fumos de estheta,
Embora seja um pateta,
Chama-lhe tu: talentasso!

1905.

BLUETTAS

Bluettas?... E por que não?
Em mudando a desinencia,
O francez fica um pimpão,
Portuguez da quinta essencia!

Agora temos na berra,
Um joven prodigio em flôr,
Que é já tambem orador:
Ha tantos na nossa terra!...

A bôca, um cravo; olho gaio;
E todo elle, na frescura,
Um damasquinho de maio,
Sem ser nma formosura.

Não houve ninguem jámais,
Com tal arte e tal remango
A bailar *jota* e fandango
Pelo Estoril e Cascaes!

Fidalgo, e d'uma prosapia,
Que nos *tombos* do paiz,
Por mais que busquem paleographos,
Nenhum lhe encontra a raiz!

Nem pelas linhas legitimas,
Nem pelas de bastardia,
Se lhe descobrem os titulos
Da sua alta gerarchia!

Basta, porém, vêr-lhe a pinta,
E o requebro senhoril;
Resae da sombra, entre mil,
A figurinha distincta.

Nunca soube marinhar,
Pelo pau da corriola,
Marujito rapazola,
Como elle sabe trepar!

Que bacharel genial!...
Se não pode ser, coitado,
Almirante ou marechal,
Vae ser ministro de Estado!

Mas por um certo meneio,
E uns tiques d'este rapaz,
Diz muita lingua mordaz...
Emfim... Fique a historia em meio!

1906.

Á EMINENTE ESCRIPTORA

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

Offerecendo-lhe o III *volume das minhas Memorias*

Beijei-te no teu bercito.
Saudei-te o talento um dia.
Fui dos teus, que nos deixaram...
Vê como sou teu, Maria!

1907.

IDYLLIO DE UM VELHO

Natal de Christo foi-se em dezembro;
Não restam ondas do inverno bravo.
Celebra nupcias a primavera:
Casam dois noivos: a rosa e o cravo.

. . . .

Maio florindo valles e montes;
Maio apontando fructos córados;
Maio dormindo nas longas tardes;
Tardes bemditas dos namorados!

Canta o laverco no céo aos pairos;
Zumbem abelhas por entre flores.
Faz uns acenos, manda um suspiro,
Maio aos rapazes que tem amores!

Relembra o velho dias da aurora,
E vae-se ás rosas da mocidade...
Brincão travesso, maio ás risadas,
Dá-lhe os espinhos de uma saudade!

Ao mesmo passo que aos seus efluvios,
Uma creança, quasi mulher,
Lá vae tirando, com dedos tremulos,
As folhas de oiro de um mal-me-quer!

....

Ah! velho, velho, que os teus idyllios
Já não têm rosas; mas qualquer dia,
Has de encontral-as — e sem espinhos,
Sob as violetas da terra fria!

1907.

A SYMPATHIA

NÃO houve nunca esculptor
Que do marmor te arrancasse;
Nem pintor,
Que, n'um relance de genio,
Te retratasse.

Não tens fórma... e és quanto ha bello!
Dás o amor sem o ciume,
E com o mago perfume,
Que ha n'um beijo virginal!

A nada obrigas. Comtudo,
Esse nada... esse ideal...
Domina tudo!

1896.

AOS OLHOS DA MINHA VISINHA

Quando assomas á janella,
A' hora em que foge o dia,
E já no céo principia
A accender-se alguma estrella;

Com que extranho desalento,
E pallidez namorada,
Erguendo a fronte annuviada
Contemplas o firmamento!

Dos astros, que vês além,
Terás ciumes talvez?
Quem tem teus olhos, bem vês,
Não tem zelos de ninguem!

Olhos em fórma de amendoa,
Negros, de um negro retinto...
A luz de certo a não pinto,
Que só se concebe, vendo-a!

Ninguem com ella se afoite,
Que de repente fuzila,
Na tua ardente pupilla,
Como um relampago á noite!

E a tristeza a perseguir-te,
E n'um fatal magnetismo,
Pareces sondar o abysmo
Em que procuras sumir-te!

A causa d'essa amargura
Provem de versos vulcanicos,
Com que os poetas satanicos
Fulminam a formosura?!

Nasceste em dias malditos,
Visinha desventurada,
Que não podes ser cantada
Por ter olhos tão bonitos!

Deixa-os. Não ha de faltar,
Peregrina Philomella,
Que ao pé da tua janella,
Teus olhos saiba cantar.

Nas velhas canções embora,
D'entre as balseiras virentes,
Quando as estrellas fulgentes
Desmaiam á luz da aurora!

E tu, aos clarões do sol,
Revê-te no teu espelho,
E ri dos que chamam velho
Ao amor e ao rouxinol!

Semsaborões desastrados!
Em topando este ou aquelle
Desvia teus olhos d'elle,
Para mal de seus peccados;

E alegres, nadando em luz,
Crava-os no céo, nas estrellas,
N'essas velhas bagatellas,
Com que o velho amor seduz!

. . . .

Deixa os funebres cantores,
E juro por vida minha,
Que has de ter versos visinha,
Aos teus olhos tentadores!

(Hoje.)

IDYLLIO PAGÃO

OLHA — a primavera assoma!
Vê como trocam a flux,
As rosas beijos de aroma,
E os astros beijos de luz!

Vamos pelos campos fóra.
És noiva: o noivo te espera.
Tivesse eu tambem agora
A minh'alma em primavera!

E ao pé da rutila fonte,
Colmada da tilia em flôr,
Como o velho Anacreonte
Podesse cantar o amor!

Mas vem tu que o teu sorriso
A' Grecia rouba um idyllio,
E repete de improviso
Versos do proprio Virgilio!

Chegaram de novo os dias
Dos aureos numes! Voltando
Para immortaes alegrias,
Que vida no ethereo bando!

O val nemoroso e umbrio,
Onde não entrou jámais
Um raio de sol do estio,
Tem rumores ideaes!

Das andorinhas palreiras
Já se approxima a colonia.
Bailam nymphas nas ribeiras
Ao som de flauta midonia!

Cantam os nodosos troncos
Do pomar que abrindo vem;
E até os penedos broncos
Parecem ter voz tambem!

São as abelhas do Hymetto,
Que andam a zumbir no prado.
E, pelo formoso aspecto,
Aquelle toiro raiado—

Tal qual o descreve Moscho—
Olho azul, cabeça erguida,
Encrespada de oiro fosco,
Armadura alta e brunida;

Será um Deus? Vem raptar
D'esta encantadora estancia,
Europa, que anda a folgar
Co'as damas socias da infancia?

Fujamos d'elle. É capaz,
Enganando-se comtigo,
De romper cego e minaz,
E arrebatar-te comsigo!

Corre, que o noivo te espera!
Celebra as nupcias o sol;
É madrinha a primavera,
E padrinho o rouxinol!

. . . .

Depois sombras mysteriosas...
E tu a trocar a flux,
Como os astros, como as rosas,
Beijos de aroma e de luz!

(Hoje.)

SUNT LACRIMÆ RERUM!

Deixei na cidade as satyras,
Com as brumas da invernia:
Venho ao campo—dia esplendido!
E eu alegre como o dia!

Tardou em chegar abril!
Mas agora é que deveras
Vem mais robusto e gentil
Do que n'outras primaveras.

Rebenta na encosta os pampanos,
Enflora o pomar nas hortas.
Cheio o regaço de dadivas,
Já bate a todas as portas!

É tal a força de luz
E de vigor, que elle traz,
Que ao vêr-lhe a face, eu suppuz
Que estava feito um rapaz!

Em volta do ninho os passaros,
Palpitando de desejos;
E as rosas, abrindo as tunicas,
Aos cravos atiram beijos!

Quando até as proprias rosas
Beijam cravos, a tremer,
Quantas coisas mysteriosas
No coração da mulher!...

Este bello sol deslumbra-me,
E arrebata-me ao passado...
Era assim!... Um dia fulgido!
Céo azul, em flôr o prado!

Um vestidito singelo,
Ao peito um cravo vermelho,
Posto em tranças o cabello;
E sem consultar o espelho,

Vinha comigo. Julgando-me
Moço de rara sapiencia,
Ouvia, exultando, as syntheses,
Proprias da minha sciencia...

Cantavam ao desafio,
Nas pedras batendo as roupas,
As lavadeiras no rio,
E as toutinegras nas choupas.

Rosada, fresca, alegrissima—
Encantadora creança,—
Raiavam-lhe os olhos limpidos,
E verdes como a esperança!

Um malmequer do balsedo
Tomou nas mãos pequeninas,
E foi dizendo, em segredo,
As palavras sybillinas.

—Muito, muito!—exclamou, tremula,
E pela primeira vez,
Demudou-lhe o rosto, subita,
Uma grande pallidez!

Ao despedir-se de mim,
N'um vivo aperto de mão,
Disse tudo quanto emfim
Diz, na mudez a paixão!

E cahiu d'aquellas palpebras
Uma perola do amor,
Como cae o orvalho rutilo
Da aurora sobre uma flôr!

....

Ha muito que a rosa agreste,
De olhos verdes como a esp'rança,
Dorme á sombra d'um cypreste...
Desventurada creança!

Ó sol d'abril, tu cegaste-me!
Debalde acudo ao passado,
Que não volta a flôr do espirito,
Como volta a flôr do prado!

(Hoje.)

DERRADEIRA AMBIÇÃO!

VI-TE, a primeira vez, ao seio immaculado
De tua santa mãe—creança encantadora!
N'aquelle mesmo instante havias acordado.
Abrindo o teu olhar, como abre a flôr do prado,
Tinha o vago de um sonho e a graça de uma aurora!

Ufana, tua mãe erguia-te nos braços:
Tu batias as mãos rosadas, pequeninas,
Como, á beira do ninho, as aves das campinas
Batem a azita implume, em busca dos espaços!

Ah! creança de então, podesse eu vêr-te agora
Unida a um filho meu; e como tu outr'ora—
Na fria solidão, que para mim chegou—
Tambem uma creança, alegre, seductora,
Sorrir-me em teu regaço e balbuciar:—Avô!

(Hoje.)

TEMPO SEGURO

Acudiram á Costa as negras de sardinha,
Remedio salvador da gente pobresinha,
Que andava na penuria ha pouco n'esta terra!

Venha o norte a puchar dos pincaros da serra;
Voltemos, com o arado, o flórido ervaçal.
Correndo tempo assim pinta um anno real!

Deus o traga! As paixões, na sanha rancorosa,
Andam-se a remorder; emquanto na cardosa,
Na volta do trabalho, alegres os ganhões,
Aquentam á lareira as mãos e os corações!

Não podem entender,
Na sua ingenuidade, os ecos taciturnos,
Que chegam do paiz diarios e nocturnos;
Ecos para tremer!

....

O tempo vae seguro.
N'ete profundo azul que vence os Apeninos,
Na graça e no primor de dias crystalinos,
A tragedia refoge!...
O futuro? O futuro?!...

1908.

TERRA

Quando é que chegará o dia millenario
Em que venha a findar o furacão da guerra,
E tu sejas sacrario
Da abundancia, da paz, do santo amor, ó terra?

Quem foi que te gerou? Um sopro mysterioso,
Ignoto ao ser humano.

Aqui, por esse além, nos páramos do espaço,
Nos mundos do infinito, em luminoso traço,
Tu serás para nós o sempiterno arcano!

O sangue das legiões, na bruta feridade
Da humana condição, não conseguiu ainda
Macular no teu peito a candida bondade:
Peito, que dá o pão, o fructo, a flôr mais linda!

Jogada ao teu regaço, a propria corrupção,
Rebenta toda em luz!...
Terra fecundadora,
No grande coração,
Só aos homens darás a noite sem aurora!?...

Deixemos no ideal estas nuvens do Espirito!

O tu, ó Cavador, ó bravo camarada,
Deita as mãos varonis á tua arma sagrada;
Desbrava os mattagaes, da aurora até o vespero;
Abre uma valla enorme onde caibam os despotas,
E descança depois, pondo ao teu hombro a enxada!

1908.

MOTE PROPRIO

Assim que puz os meus olhos
Em vossos olhos, Jesus!
Fuzilou-me um tal relampago,
Que fiz o signal da cruz!

VOLTAS

Senhora! des que vos vi,
— Que fatal deslumbramento! —
Não só a vista perdi,
Mas tambem o entendimento!
Porque não ha entender,
Que uns olhos de tanta luz
— É fugir d'elles, Jesus! —
Tenham condão singular
De envez de alumiar, cegar!

Ao que não vê, pela mão
Um pobre infante o acompanha;
Mas vós — crueldade extranha! —
Apagando os olhos meus,
Com mal contida impaciencia,
Dizeis-me:
—«Tenha paciencia.
«Irmãosinho, vá com Deus!»

———

Senhora, o rapaz, coitado,
Que me fez a confissão
Do seu lastimoso estado,
Se lhe fizeste em pedaços
Os olhos e o coração,
Ao menos por compaixão,
Amparai-o em vossos braços!

1908.

O QUINTALITO

Georgica

A Candido de Figueiredo

Nem se lhe pode dar o nome de quinchoso
Ao breve quintalito. E comtudo é mimoso
Do espinafre, a lombarda, o mordente almeirão;
Da tenra couve flôr, da ervilha trepadeira,
Que se faz com a bage e custa um dinheirão
Quando vem como amostra á Praça da Figueira.

Não lhe falta a alcachofra, a de Italia, e com ella
As chalotas, o espargo, a activa pimpinella,
A alface lisboeta e tambem a romana,
Que não lhe dá de rosto á nossa luzitana.

Para qualquer biscato ervas finas, em summa,
Tirar sem escolher, nem engeitar nenhuma.

Não havendo pomar, nem azeite, nem vinho,
Que mais pode fazer o provido cantinho?!

Falhando-me da oliva o picaro sainete,
Para me appetitar acudo ao rabanete.

Na mesa familiar um tudo nada é vida,
Bem como em campo agreste ingenua margarida.

Quando vem a romper lá do nascente o dia,
Dia de Portugal na força da invernia,
Seja o frio cruel, vendo a manhã bonita,
Não me posso ter mão, e vou-me á hortasita,
Alevantar do chão, sem medo da orvalhada,
Quanto produz de bom a granja improvisada:

Torrão que me recorda alguns dias felizes
Em que eu, por mattagaes, me atirava ás perdizes,
Com a Tulia e Marino, a bater os montados...
Os dois estão ali, n'uma cova, coitados!

Basta de vendavaes. Agora tempo brando,
E solsinho de Deus, que a fome entra nadando.

Cautela na geada. É boa no olival,
E nas folhas de pão; mas nas hortas fatal.

Tratemos de colmar o tenro dos canteiros,
Que se o gelo lhes cae arraza-me os viveiros.

Sem maculas e em pé aponta a lua nova:
Tenho seguro um mez; não quero maior prova.

Este palmo de terra—inda assim arrendado—
Perto de oitenta já, vale por um condado!

1908.

PÓ E SOMBRA...

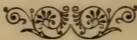
CONFISSÃO

Fui na infancia catholico exaltado;
Tudo era para mim edificante,
Vêr o altar, vêr o throno scintillante,
Ouvir na igreja a voz do orgão sagrado!

Foi-se apagando o amor arrebatado,
E a sciencia levou-me n'um instante,
Com o sopro glacial e penetrante,
O edificio de luz do meu passado!

Deitei-me aos pés dos grandes missionarios,
Na eloquencia e na fé extraordinarios;
Nenhum d'elles me deu sombras d'esp'rança!

Ó crenças infantis, talvez agora
Volteis a mim, ardentes como outr'ora:
Diz-se que um velho torna a ser creança!...

1908.

DIA DE FINADOS

PARA a sciencia não ha
Hoje dia de finados:
A vida não findará.

Porém, quantos desgraçados,
Sabios dos mais afamados,
Vão, a occultas, n'este dia,
Beijar sobre a pedra fria,
Os seus mortos adorados!

1906.

O VELHO E O INFANTE

Levam um velho a enterrar
Aos hombros, quatro tumbeiros,
Desencontrando as passadas,
E a rosnar como rafeiros.

O pobre velho lá vae,
Vae para a valla sombria,
Aos baldões da má fortuna,
Que teve quando vivia!

Como o esquife é descoberto,
Na morte, fria de gelo,
O velhinho tem ainda
O sol de Deus a aquecêl-o!

Atraz, a bem poucos passos,
Cadenciados, com ar serio,
Levam quatro rapazitos
Um infante ao cemiterio.

No caixãosinho vermelho,
Como a dormir, embalado,
Ao sol, que lhe dá no rosto,
Parece sorrir, coitado!

Entram pelo Campo-Santo,
Os tumbeiros disputando;
Ao pé d'elles os pequenos
Com o seu morto e chorando!

Luzeiro do firmamento,
Em pleno dia e radiante,
Duas pás de terra apagante
Para o velho e para o infante!

Que importa se nos espaços
Continuas a brilhar,
E a humanidade, por seculos
Só comtigo ha de acabar!

Exulta, soberba humana,
Egual destino has de ter:
Morrer na terra no instante
Em que o sol no céo morrer!

. . . .

Assim eu tambem pudesse
Fugir á cruenta prova
De vêr o sol rutilando,
E tudo que amei... na cova!

1905.

I

ALVORADA

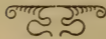
Á memoria de meu sobrinho Raphael de Bulhão Pato

LATIRAM no canil *Lady* e *Medora;*
Rompe a calhandra a turbida neblina,
E descobrindo a estrella matutina,
Redobra os pairos, reclamando a aurora.

Raphael — que alvorada encantadora!...
Corre o norte dos visos da collina;
A bruma rarefeita e crystalina,
Lá vae, em turbilhões, campina fóra.

Parece que minh'alma recupera,
Ao sopro da tua alma em primavera,
Meu Raphael, a mocidade... Assim,

Este matiz de sombras e alegria,
Que eu vejo agora, tu verás um dia,
Beijando os filhos e pensando em mim!

1898.

II

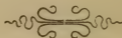
NOITE

Vem a noite. Da umbria d'este Monte
Avisto o mar ao longe encapellado;
Cae nas ondas o sol ensanguentado,
Refulge e morre. É trevas o horisonte.

Recresce a noite. A lua eleva a fronte,
E surge do nascente em céo nublado,
Annunciando no rosto maculado
O temporal, quando a manhã desponte.

Aquella madrugada encantadora,
Sou eu que a lembro, Raphael, agora,
Na solidão da minha dôr cruel!...

Sou eu que abraço a tua filha infante,
Que tu beijavas tanta vez radiante,
E te vejo na cova, Raphael!

1898.

MORTA

Ouvi bater o caixão
Em que te foste a enterrar,

Era a tarde de verão;
O sol morria no mar.

Veiu a noite. Desde então
Nunca mais ouvi pulsar,
No meu peito, o coração...

Levaste-o no teu caixão,
Quando te foste a enterrar.

O tu, coveiro, vae lá;
Entra-me fundo a cavar...
Se, na tumba que os encerra,
O d'ella não palpitar,
Deixa o meu, que vivo está,
E calca sobre elle a terra!

1906.

I

NO CORAÇÃO!...

Ao meu querido Julio — Visconde de Castilho

— Bonita não; mas era insinuante,
No esmalte das pupillas reflectia
O poder singular da sympathia,
O genio ao mesmo tempo altivo e amante!

Como filha adorou-te desde infante:
Depois, nas proprias vascas da agonia,
Deu-te n'um beijo quanto n'alma havia,
Sob o gelo do pallido semblante!

Confesso, amigo, que me causa espanto,
Nem ao menos te vêr baga de pranto
Cahir sombria de teus olhos baços!...

—Não a devo chorar. Queres a prova?...
Se a tenho quente ainda nos meus braços,
Viva no coração... que é tambem cova!

1907.

SOMBRA!...

Hei de tornar-te a vêr, sombra adorada,
(Assim a morte para mim é vida!)
Das miserias humanas redemida,
Que te amei como filha immaculada!

Hei de ouvir-te na voz apaixonada,
Tão crystallina como enternecida,
Dizer, em luz etherea confundida:
—«Serei agora eternamente amada!»

Mas a sciencia com seus labios frios,
Os seus olhos serenos, mas sombrios,
O seu sorriso bom, porém glacial;

Diz-me implacavel, tudo que ha mais triste:
—«Nada morre. Ella existe, sim, existe,
No intangivel, no vago, no ideal!»

1907.

III

NA ETERNA PAZ!

— —

Dois annos ha, creança, que morreste.
A jazida onde estás é muda e fria;
Abrindo o sol, em primavera, o dia
Não te dá uma flôr da terra agreste;

Terra negra, e sinistra do cypreste,
Das lagrimas sangrentas de agonia,
Da valla da miseria, ampla e sombria,
Que infesta os ares e produz a peste.

Mas tu, na cova, tu não sentes nada;
Nem raio a fuzilar, nem mar dormente,
Nem soluços de voz apaixonada!

Sem as angustias que a minh'alma sente,
No silencio e na paz d'essa morada,
Como serás feliz eternamente...

1907.

DOIS BEIJOS

A um recemnascido que ia a enterrar

Dois beijos tiveste um dia,
Da aurora quando nasceste,
E á tarde quando morreste,
Do sol que tambem morria.

Foi ditosa a tua sorte,
Nos instantaneos lampejos;
Quantos não têm d'esses beijos,
Nem na vida nem na morte!

O sol, no espaço de um dia,
Que mais podia fazer,
Que dar-te um beijo ao nascer,
E um beijo quando morria!

189...

I

SCEPTRO E COROA

Sem carregar as sombras do passado...
Não accuso ninguem, ninguem odeio;
Mas a consciencia, viva no meu seio,
A consciencia me diz quem foi culpado!

Vem abrindo horisonte illuminado,
Entramos n'outra vida e n'outro meio.
Veremos, sem a nuvem do receio,
Alguns dias de sol abençoado?

Em pleno inverno, ou no florido maio,
— Tendo azas negras! — passa como um raio
O tempo no seu curso omnipotente.

Vê o tempo em que estás! Sceptro e corôa,
Bem sabes onde estão!... Amá e perdôa:
Orfão Infante, e Rei adolescente!

1908.

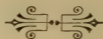
II

Deus te livre ámanhã que alguns bandidos,
Nas torvas ambições logrem cegar-te!
Pela voz da nação deves nortear-te.
Deu-te o solio a nação, não os validos.

Applica, sempre attento, os teus ouvidos
Aos rumores que vão por toda a parte,
Se não queres nas ondas afundar-te,
Com o throno e os escudos abatidos!

Tens coração e vivo entendimento.
Um seculo correu-te n'um momento,
Com o sangue paterno e fraternal!...

A dôr é mãe do bem, e da equidade.
Firme e sereno abraça a liberdade,
Enxuga os olhos... e conjura o mal!

1908.

NO SECULO XIV

I

A SESTA DA RAINHA

A Luiz de Magalhães

Tarde canicular, tarde de pleno agosto.

Calma branca no mar, e rubido o ponente;
Ao mesmo passo em fogo as orlas do nascente:
A lua vem rompendo em face do sol posto.

Com o intenso poder da luz dos horizontes,
Que nas aguas faisca e purpurea os montes,
Repinta-se o matiz do curvo firmamento.

Indizivel momento
Em que o céo tem agora,
Ás entradas da noite os visos de uma aurora!

São largos os clarões dos estivaes crepusculos.
Fatigada, Leonor, distende os laços musculos;
Assoma ao peitoril da ogiva majestosa,
Que reflecte da tarde as tintas de oiro e rosa.

Offegante respira os languidos bafejos,
Que vem frescos do mar como virginios beijos.

Encosta-se ao balcão, circumvagando a vista,
Pelo quadro ideal, defeso a mão de artista.

Recebendo do occaso as frechas incendiadas,
É Venus a surgir das espumas nevadas!

Que assombro de mulher!... Fulvos e desatados,
Da lubrica entrevista, os cabellos ondeados,
São manto de pudor ao seio palpitante,
Marmor tornado em fogo ás volupias do amante!

A bôca, haurindo o amor, ferve em beijos... Scintilla,
Na ardencia sensual, orvalhada... a pupilla.
Como aberta em marfim, a pequenina orelha,
Um primor de cinzel, no lobulo... vermelha.

Aos impetos febris do orgasmo succedera,
A morna flacidez da elastica panthera!

A leôa, essa tarde, em contracções nervosas,
Do adulterio arrancara infamias deliciosas!

Andeiro quebrantado e curvo como servo,
Deixara, havia pouco, o aposento protervo.

Á caça andava el-rei, rei, no monte, fragueiro;
No Paço, aos pés da dona, um pobre cão rafeiro!

Moço de ar infantil chegou á porta, vinha
Solicito esperar as ordens da rainha.
Parou no limiar; mas ao sutil ruido,
Leonor Telles voltou-se, e ao pagem seu valido,
Accenando chamou.
A luz, vibrante ainda,
Inundou o donzel de face casta e linda!

Entrando no aposento, estacou assombrado...
Jámais os olhos seus haviam contemplado
A estatua do impudor!...
Dava o leve sendal,
O seio luminoso e como virginal!

Desapertado o cinto. A delgada cintura,
Nos requebros flexil, e de jaspe na alvura.

Da finissima tela as pregas descuidadas,
Punham alto relevo a fórmas não sonhadas!
Na recamara havia um capitoso aroma
Com um travo carnal das lupercaes de Roma.

Dom Nuno recebeu algumas ordens d'ella,
Olhos postos no chão, rubro como donzella!

O rosto da rainha, embora peregrino,
De subito assumira um ar luciferino!

Cuidara ter ouvido, ao voltar do balcão,
Hostil, a vozear, de largo a multidão.

A Dom Nuno tambem a plebe rugidora,
Que ouvira alguma vez, dizia tudo agora!

Abandonando o Paço, inquieto e scismador,
Foi-se ao Mestre d'Aviz,—o seu irmão no amor!

A lua alta no espaço. Esplendida a cidade;
Mas nos ecos havia um tom de tempestade!

II

AS NUPCIAS DO HEROE

Dezeseis annos contava,
E já n'aquella pupilla,
Meditativa e tranquilla,
O genio se revelava!

Ora batendo os montados,
Ora por campos floridos,
Sempre nos seus sonhos mysticos,
Sempre nas visões da gloria
Punha sua alma e sentidos!

Comprazia-se de ver,
Eutre as faias e os ulmeiros,
Muito mansinho correr,
Como correm os ribeiros,
O Tejo, e depois chegar
A ser, não um rio, um mar!

Tambem elle, o adolescente,
Quem sabe se presentia
Vir a tornar-se, algum dia,
N'um guerreiro omnipotente,
E mais tarde... eternamente,
N'um santo sobre um altar!

O pae, como em confidencia,
Falou-lhe em o consorciar,
Com Dona de alta ascendencia;
Dona que fôra casada,
Porem, jámais ao marido,
Como consorte ligada.

Que segredo singular!...
Don Nuno, ouvindo, mudou
De seu antigo pensar,
E o coração lhe pulsou,
Que parecia estalar
Na sobrehumana alegria!

A luz sideral lhe abria
Maio, no azul dos espaços,
E ao mesmo tempo os seus braços
A Virgem Santa Maria.

Ás terras do Bom Jardim,
De seus vassalos cercada,
Chegou de entre Doiro e Minho,
Á escolhida desposada.

Era pôr os olhos n'ella!...
Tão branca como um arminho;
Nas faces as rosas timidas;
Em tudo o vivo retrato
Da mais graciosa donzella!

Sem pompas, nem aparato,
N'uma modesta capella,
Que na propria casa havia,
Deram-se as nupcias n'um dia,
Vespera de santificado,
Antes do sol levantado.

Quando os dois noivos passaram,
N'um silencioso recato,
O limiar do aposento,
Os rouxinoes do cerrado,
Nos improvisos cessaram,
E tambem no firmamento
As estrellas se apagaram,
Na paz do santo noivado!

III

A VOLTA DO INFANTE

Maria Telles não era
Açucena immaculada;
Porém, cahira coitada,
Nas mãos de uma besta fera!

Ambicioso sem idéas,
De genio tumultuario,
O Infante tinha nas veias
O veneno hereditario
Do pae, de Pedro primeiro,
Sempre louco sanguinario,
E, a espaços, rei justiceiro.

A rainha perdoara,
Com a sua alma christã,
Ao homem que lhe matara
A's punhaladas a irmã!

Elle era gentil senhor,
E, nas bravuras da serra,
Tão fragueiro monteador
Como valente na guerra.

E ella sabia, que ás vezes,
É bom havermos á mão,
Amansadas certas rezes,
Que tem de tigre e leão!

Mas á festa, á festa, á festa!...
Longe, tigres e leões,
E toda a idéa funesta,
Que juvenis corações
Vão ter uma noite agora
Feita de rosas da aurora!

Nas salas entrou radiante
E senhoril Leonor Telles
Digna do pincel de Apelles!

Esbelto e bem posto, o infante
Atravessou o salão
Para lhe beijar a mão.

Fêl-o como homem galante,
Que ás praxes sabe alliar
A distincção elegante.

A rainha de seu animo
Varreu sombras de cuidados.
Vae ser a festa um delirio:
Ai! dos amantes, coitados!

A' luz torrencial ressae
O primoroso lavor
De veludos e brocados
De telas de Quartanai.

Moveis de tanto valor
Que o mais somenos seria,
Para um fino entendedor,
Um morgadio hoje em dia.

Os esplendidos tapizes
De Bristol e de Allemanha,
Crystaes d'uma fórma extranha,
Dos mais variados matizes.

Amplas as quadras. Abobadas
Em sumptuoso relevo,
Obra de cinzel medievo,
Que no sentimento artistico,
E no poder ideal,
Não teve nunca rival.

O truão, Don Anequim,
Tange em fremente alegria
Os cascaveis da folia:
Não ha zombeteiro assim!

Ter mão com elle, ter mão,
Que se topa um insolente,
Com a lingua de serpente
Põe-n'o mais raso que o chão!

E possue, além da satyra,
—Herdeiro de eras remotas—
Os requintados primores,
Que hoje nos dão parnasianos,
E que ha tantissimos annos
Nol-os deram trovadores;

Na fecundidade immensa
D'esses dias germinaes,
Que nem tiveram rivaes
Nos dias da Renascença!

Sobre lubricos tapetes,
Em cobras revoluteia,
E vae da graciosa veia
Tirando os seus vilancetes.

Diz a um grupo das mais bellas:
«Nunca vi, em tanta aurora
Nas rosas olhos de estrellas;
Pois em vós os vejo agora!...

E seios a palpitar,
Como las ondas do mar?...
Tambem só em vós donzellas!...»

E depois a um gentil moço,
Indicando-lhe uma d'ellas:

«Da que tem os olhos verdes,
Se não foges, cavalleiro,
Com seres um tal braceiro
Fica certo que te perdes...

«Que não ha folha de espada,
Que lhe resista á mirada!...

«E aquella!... aquella que vae,
Com tanta graça bailando,
De olhos negros, coriscando,
Que nem o Monte Sinai!...

«Apega-te a Santa Barbara,
Por que os olhos do teu par,
Não são olhos, são relampagos,
Que te podem assombrar!

«E vós, Senhora, tambem
Tende mão na crueldade,
Que assim não mata ninguem;

«Porque o verdugo mais fero,
Pede perdão ao matar,
E vós matais a bailar!

«Vive Deus! Folgar donzeis:
Festa egual jámais tereis!»

E vendo os seus improvisos
Colmados a cada passo
De applausos e de sorrisos,
O pobre histrião do Paço,
Para comsigo, dizia:

«Dar a tantos alegria!...
Ai! de mim! Se alguem houvesse,
Que uma lagrima me desse!...»

Só dois entes adorava;
O rei e Maria Telles:
Daria a vida por elles!

N'uma nefasta alvorada,
Viu a pobre apunhalada,
E ao seu rei o vê agora
Uma sombra do que fôra!...

Assim confundindo os sabios
Do tempo, com seus motetes,
Nas voltas dos vilancetes
Põe o veneno dos labios!

Repetindo os improvisos,
E dando saltos macabros,
Ufano sacode os guisos,
Ao lume dos candelabros.

Vendo o rei é que esmorece...
O seu rei, que pae lhe ha sido!
Com quanto vilão refece,
Se a lingua fôra um punhal,
Acabaria o jogral!

Leonor Telles nos seus Paços
Para as batalhas do amor,
Tinha em *bouquet,* todo em flôr,
Um esquadrão de appetite;

Antes que a filha dos Medicis,
Tambem *coquette* e louçan,
Tivesse o *escadron volant*
Das suas damas d'*élite.*

Venha um pico de francez,
Sem o que não pode haver
Coisa digna de se lêr
N'este velho portuguez!

N'uma sala mais recondita,
Leonor presidia agora,
A' ceia provocadora.

Ali, onde a cynosura
Da graça e da formosura,
Era para enlouquecer,
Como resahia o magico
Busto d'aquella mulher!

Dir-se-hia na adolescencia,
E na paixão virginal
O seio a romper-lhe o ergastulo
Do seu brocado real!

A's vezes, n'um gesto mystico,
Chegava a se transformar,
Que era—sorrindo ao martyrio—
Vêr uma santa no altar!

Estes Proteus femininos,
Sempre tyrannos protervos,
E archanjos luciferinos,
São escravos dos seus nervos!

Os jorros de luz, o ambiente
De perfumes capitosos,
Como vinhos generosos.

A gentileza insolente
Que ao lado d'ella ostentava
O conde que a dominava...

Como um turbilhão, cegando-a,
Fez-lhe perder o alvedrio,
Rasgou-lhe o véo do pudor,
E de entre as sombras abriu
O seu animo traidor!

Quanto um'alma depravada
Fôra capaz de fingir,
Tudo emfim veiu a cahir,
Co'a refrega despregada
Do furacão sensual,
Bravo como um temporal!

Ha Venus-vaga em prostibulo
Ás vezes mais recatada
Do que a rainha no solio,
Se parte desenfreada!

Atravessava o salão
El-rei, pensativo e pallido;
El-rei que lhe dera a purpura,
E o sangue do coração!

Enleou-se então no Andeiro;
Não como as heras solicitas
Aos braços do velho ulmeiro;
Mas como serpente lubrica,
Que nos accesos desejos,
Verte veneno dos beijos!

N'um paroxismo, perdida
Disse-lhe:—Toma este annel:
Vae com elle a minha vida,
E com elle, em hora boa,
Te darei sceptro e corôa!»

N'isto Anequim o jogral
Clamou com voz triumphal:

«Pelas alfombras, donzel,
Não procures mais o annel:
Olha, parece um luzeiro,
No dedo do Conde Andeiro!»

Andeiro o olhar relanceou:

O olhar do Mestre d'Aviz,
Que sobre elle se cravou,
Fel-o acurvar a cerviz!

Desfez-se a nuvem nos ares.
Riam d'aquella tragedia!...
Os espiritos vulgares
Transformam sangue em comedia!

Contra os futeis cavalleiros,
Anequim, poupando as damas,
Em donaires zombeteiros,
Redobrava os epigrammas.

Depois, mudando de tom:

«Tanto brocado e veludo,
Tantas joias, tantas luzes,
Tamanho contentamento...
Só eu é que n'isto tudo
Vejo brandões, vejo cruzes
De um funerio sahimento!

«Falta na festa real,
Não sonhado cavalleiro,
Que ao lado de outro guerreiro
Dará brado em Portugal!»

O Mestre cuidara ouvir,
Na voz do bobo mofino,
A voz do proprio destino
Annunciando-lhe o porvir!

De leve empallideceu,
E, do salão rumoroso,
Seu vulto nobre e formoso,
Em pouco dispareceu.

A festa vae recrescendo;
Livido o Infante e sem fala,
Escuta o bufão tremendo,
A dizer de sala em sala:

«Mataste la minha madre,
Como se fôra um cordeiro;
Mataste uma dona honrada,
Por tuas mãos, carniceiro!

«Quando la manhã rompia,
O sangue d'ella, coitada,
Todo o aposento tingia!»

O Infante estava a revêr,
No seu animo perverso,
O sangue da mãe, no berço,
E nas mãos, o da mulher!

«Eu era orfão de padre;
Mas quiz meu fatal destino
Que o fosse tambem de madre,
Por ti, malvado assassino!

«Repontava a madrugada;
Ella em seu leito dormia
De todo o mal descuidada;

«Pois matastel-a, coitada,
Como se mata um cordeiro,
Por tuas mãos, carniceiro!

«Ai! que o jogral—o *Compadre*—
Já não tem padre nem madre!»

Uma baga de suor,
De suor do agonisante,
Rolou da testa do Infante!

Depois, n'um supremo esforço,
Do seu abysmo surgiu,
E, co'as visões do remorso,
Allucinado partiu!

Sem dar pelo sangue e lagrimas
D'aquelle sinistro canto,
Volteavam, n'esse momento
Haurindo um supremo encanto,
Dois noivos tão namorados,
Como duas borboletas,
Batendo as azas nos prados!

Desafogado o rancor
Que havia muito o mordia,
E tomado de terror,
Desceu pela escadaria
O jogral ultrajador.

Tirou o gorro, e a gorgeira,
Da resonante folia
N'aquella noite agoireira!

Pedindo aos céos uma lagrima,
Poz os olhos nas estrellas;
No azul carregado—esplendidas,
Riam, riam todas ellas!...

Nem o céo do orvalho santo
Tinha para elle um pranto!

Com que maldita alegria
O destino o perseguia!

O sarau tinha findado.
Ás grandes salas desertas,
Pelas janellas abertas
Vinha a aragem da alvorada,
Virginal e perfumada.

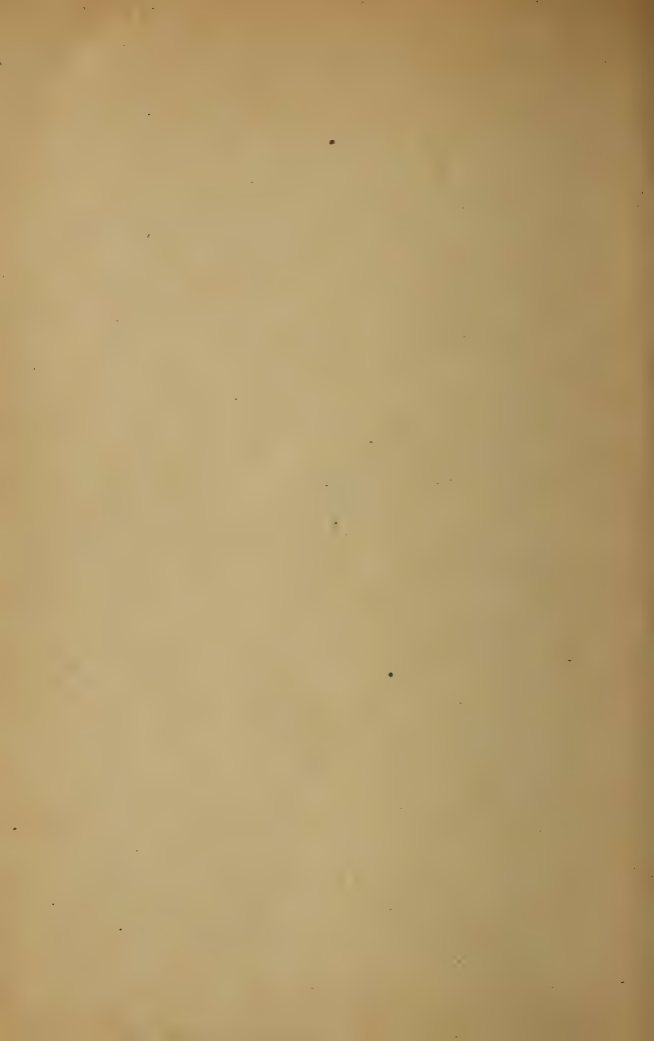
El-rei no accesso febril,
Que o desvelara, coitado,
Inda tão moço e gentil,
Vagava alli, despresado,
No seu Paço de Lisboa,
Lupanar de sceptro e c'rôa!

Á luz tibia e já cambiante,
Um espelho trahidor
Deu-lhe um vulto de bacchante:

A bacchante era Leonor,
Nos hystericos desejos,
A cravar a bôca em beijos,
Na bôca do seu amante.

O monarcha olhou em roda...
Ninguem!... Emfim, respirava;
Só estava, e só tragava
Aquella vergonha toda!...

Ao largo, a voz da gentalha
Cuspia a injuria oratoria,
Como cospe em brasa a escoria
A bôca de uma fornalha!

Crescia o povo na praça.
Cada chasco e vituperio,
Da sombria populaça,
Tinha um travo a cemiterio!

IV

LEONOR TELLES, MORTO O AMANTE

Disse ao Mestre, Alvaro Paes:
—«Matae o Andeiro, Senhor,
Que mataes Judas traidor,
E Portugal resgataes!»

. . . .

O povo, n'um desatino;
Povo... escoria da cidade,
Tudo que ha de mais ferino,
E vil na perversidade;

Essa alcatéia carnivora;
A que sempre se tem visto—
Hoje ainda!—á voz dos despotas
Cuspir na cara de Christo;

Lá ia, não a salvar
O paiz da tyrannia,
Mas a roubar e a matar,
N'aquelle grandioso dia.

Depois do arcebispo e os seus,
Trucidados e arrastados,
Clamavam os scelerados:
—«Vamos saquear os judeus!»

Acudiu Alvaro Paes:
—«Mestre, senhor, tende mão
N'esses féros animaes!...»
Era um burguez... dos de então!

Caudilho heroico do povo,
Não da actual burguezia,
Primaz na aristocracia,
E mais cheia do que um ovo!

Já noite, Dona Leonor,
Vendo o conde assassinado,
Contemplava o cego amor,
Que tinha a seus pés prostrado!

Nos olhos nem uma lagrima;
Mas em temporal desfeito,
É que eram ondas diabolicas
N'aquelle insondavel peito!

Vingar o amante, jogar
O sceptro, n'uma cartada;
Vender a Hespanha e assolar
A nação abominada!

Nas paixões, quando violentas,
Tudo é grande, o bem e o mal:
Na maldade, o odio das viboras,
Na virtude, o amor ideal!

Para a eterna despedida,
Estava alli, todo tinto
No proprio sangue, e distincto
Na morte, como na vida!

Correu-lhe, em visões umbraticas,
O tempo despercebido.
Que planos, aquelle espirito,
Já não tinha concebido!...

Leval-o-hia a enterrar
N'um reservado carneiro,
Para até o derradeiro
Momento o vêr e adorar!

Dom Judas, servo fiel,
Tambem nas horas tardias,
O bom filho d'Israel,
Planeara coisas sombrias!...

O Conde era sepultado
Na egreja de Sam Martinho,
Tendo por padre—o mesquinho—
Aquelle judeu honrado!

E as pompas do funeral
Iam-lhe feitas na praça,
Aos baldões, na saturnal
Da sangrenta populaça!

A aurora abriu, e um clarão
Deu á face esmorecida
Do morto tal expressão,
Que lhe poz um ar de vida!

N'isto rompeu um rugido
De dôr e de raiva insana;
Seria panthera humana
Estrangulando um gemido!?...

Cercada de seus maiores,
Deixou Lisboa a rainha,
N'uma fresca manhãsinha,
Toda de luz e de flôres.

No primor de seu falar,
Na buliçosa alegria,
Uma noiva se diria,
Partindo para o altar!

Raios de sol inundando-lhe
O busto airoso e elegante;
Faiscas de amor saltando-lhe
Da pupilla rutilante!

Não ha actriz que simule,
Embora actriz genial,
Como simula uma perfida,
Por condição natural!

Ha seres, são raros sêres,
Que no ignoto magnetismo
Tem os magicos poderes
Dos Deuses do paganismo!

Parando n'uma collina,
E afastando-se da côrte—
Turvada a voz crystallina,
O semblante demudado—
Disse, espumando de colera,
Erecta, cerrando os punhos,
O cabello desatado,
Grande, sublime, blasphema:

—«Lisboa, eu te veja um dia,
Terra maldita arrasada,
E voltada pelo arado!»

V

LEONOR TELLES
E O REI DE HESPANHA

El-rei, concentrado e tôrvo,
Pela sanha truculenta,
Rompeu em voz agoirenta,
Como o crucitar do corvo:

—«Para um convento heis de entrar,
E mais a Deus vos devia,
Que na vossa felonia
Me quizeste assassinar.»

—Metter-me a mim n'um convento!...
Mettei freira, se quizerdes,
Vossa irmã, se irmã tiverdes.

A mim, nem vós, nem aquelles
De vossa côrte hão de ousar
— Juro pela vida minha —
Por sombras, sequer, tocar
N'um cabello a Leonor Telles,
Quanto mais inclausurar
Leonor Telles—a rainha!

«Dei-vos, em hora fatal,
O melhor de Portugal!

Agora vós me faltaes
Sobre o que ambos commungamos!...
A que deshonra chegamos,
De que infamias me accusaes!....

«Ouvindo a um pêrro judeu,
Sapo que arranquei do lôdo,
Já.... n'este lamaçal todo,
Ultrajada serei eu?!...»

Real no sangue e no sceptro
Da soberba formosura,
Em sua altiva estatura
Leonor a cabeça ergueu.
Sinistro como um espectro,
El-rei não lhe respondeu.

Dom Judas, raso do chão,
Era sapo e escorpião!

«Rei de Hespanha, Portugal
Não foi nem será vencido!»

Bramiu a fera real,
E o soturno tribunal
Estremeceu ao bramido!

—«Cortezãos de raça vil,
Vós, Infante de Navarra,
Cuidaveis deitar a garra
A leôa no covil?!»

Aqui, na filha cravou
Os olhos com anciedade:
A filha a face voltou.

—«Beatriz!... Ah! tu tambem...
Pois se não teve piedade
Meu peito para ninguem,
Para ti... foi sempre mãe!»

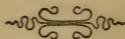
No tigrino coração
D'aquella mulher insana
Vibrou uma corda humana!

Vinham a saltar-lhe as lagrimas,
Primeiras de um santo amor;
Mas abysmou essas perolas
Nas ondas do seu rancor!

E supitando a paixão,
De rosto sereno e frio,
Encarou no rei sombrio,
Voltou-lhe a espalda elegante,
E sahiu ainda arrogante
De todo o seu poderio!

. . . .

Até que o destino fero
Atirou a fratricida
Para as arribas do Duero!

Envolta em negras mantilhas,
Abominada, perdida,
Sem sombras de arrependida,
Mas leôa inda espumante,
Das grades de Tordesilhas,
Disse, emfim, o adeus eterno
A' corôa, ao lar paterno,
E á sepultura do amante...
Absorta... o resto da vida
Nas torvas visões do inferno!

VI

LEVANTAR DO CERCO

Sobre o viso encantador,
Do castello de Palmella,
Bate o sol triumphador
De uma estival alvorada.

Dom Nuno joga-se a monte;
Vae de quebrada em quebrada
No seu cardão saltador.

Do fechado dê uma brenha
Parte um javardo real.
Dom Nuno, quando não tenha
A paixão de caçador,
Atira-lhe uma lançada
E cae redondo o animal.

Conseguira o seu intento:
Fêl-o pôr sobre uma azemola,
E, por quatro homens a pé,
Mandou-o a Pero Sarmento,
Que o chasqueara de menino,
E lhe promettera até
Fraternamente açoital-o,
Por ladino e por mofino,
Quando lograsse agarral-o.

Se o facto não fosse historico,
Quem podera acreditar
Que entre assombros de tragedia
Se pensasse em gracejar!

É que aquella edade média,
No seu poder genial,
Era em tudo original!

Cae nas ondas o sol do estio rutilante,
Tomando do occidente o solito caminho.
Promettem trigo a flux as fulgidas paveias;
O pomar odorante,
E jorrando nas veias
Da vide entumecida o balsamo do vinho.

Ao placido cahir d'este formoso dia,
Como se fosse, e os seus, em santa romaria,
Vae sereno Dom Nuno atravessando a serra;
Mas para a guerra.

Era um golpe de mão do audaz aventureiro.
Mal clareava a manhã, cahiram sobre Almada,
E, levando o inimigo á lança e cutilada,
Logrou mais um triumpho o genial guerreiro.

Deu rebate em Lisboa o feito inusitado.
O proprio rei de Hespanha attonito e aterrado
Interroga Sarmento:

— Diz-me a vontade, senhor,
Que é Nuno Alvares Pereira.
Responde-lhe el-rei sanhudo:

—«Pois vós que sois o fronteiro
Do logar, vós não sabeis
Quem seja aquelle escudeiro
De cinco rocins, mais não,
Que nos faz um tal baldão?»

Pero Sarmento, entonado,
Voltou ao rei:
—Se não fôra
Este rio, que separa
De vós o tal escudeiro,
Boa a terieis agora,
Que a vós proprio vos tomara!

Assim que anoiteceu no cimo de Palmella,
A almenara, a flammear ao mestre e seus parciaes,
Apertados no cerco em angustias mortaes,
O feito lhe annunciou como propicia estrella!

—

No campo dos sitiadores,
A peste devastadora
Arrebatava, hora a hora,
Alto e malo os seus melhores.

Ergueu-se o cerco. Que prestito,
Que funerio sahimento!

Os fidalgos mais honrados
Iam nas tumbas levados;
E na sinistra partida
Tambem a propria rainha
Estava entre a morte e a vida!

O monarcha, allucinado,
Como a sogra repetia:

—«Lisboa, eu te veja um dia,
Terra maldita, arrasada,
E voltada pelo arado.»

—

Os nossos a perseguil-os,
Com as bôcas viperinas,
Cuspiam vaias ferinas:

«A Lisboa desejada
Botae-lhe a vossa mirada.

«Vinde a cá comer carneiro,
Como lo comeu o Andeiro.

«Mais de molho de vilão,
Orelhas de castellão.

«E ceiar cabrito assado,
Como al Arcebispo hão dado.»

E com seus pulmões titanicos,
Dobravam as assuadas
Jogando feras pedradas.

Eram os gaiatos epicos,
Clarins marciaes da miseria,
Que em meio dos grandes dramas,
E até na propria tragedia,
Mettem na scena mais séria,
Improvisando epigrammas,
O sainete da Comedia!

VII

O ALFAGEME

A Augusto Gil

Eil-a, senhor, vossa espada!...
Esta lamina sagrada
Mal cheguei a corregêl-a...

«Quando na incude a batia,
Logo á primeira pancada
Fuzilou, que era uma estrella.

«Por Deus e a Virgem Maria,
Coisa do céo parecia!

«O povo, maravilhado,
Não se cança de bradar,
Do milagre inda assombrado,
Que n'est'hora attribulada,
Só vós, senhor, e esta espada,
E que nos podem salvar!

«Alfageme, o ferro em obra
Sempre dobrei como um vime;
Mas a tempera sublime,
D'este ferro, não se dobra!

«Ide com elle, Senhor.
Feito Conde heis de voltar,
E nosso resgatador!...

«Então me haveis de pagar,
Por Santa Maria Val,
Tendo na mão Portugal!»

A aurora vinha do monte,
E ao dubio azul do horisonte
Dava inda pallida luz.

Dom Nuno acurvou a fronte,
Tambem nascente alvorada,
Beijando os punhos da espada
Como se beijasse a cruz!

Partiu. E quando assomou
Sobre o viso da collina,
Que o val do Alfange domina,
Brandindo o ferro apontou
Para as bandas do nascente.

Todo em chammas coriscou
O seu gladio percuciente,
Como auspiciando a victoria
De um dia de eterna gloria!

Dos campos, montes e serra,
Semelhante ao turvelino,
Mas rebentando da terra,
O povo, n'um desatino,
Correu vozeando:
—«Por vós,
Morreremos todos nós!»

Rubro o sol cresceu do Oriente,
Soberbo de formosura,
E Dom Nuno ao sol nascente,
Ingenuo sorria agora,
Como a flôr sorri á aurora.

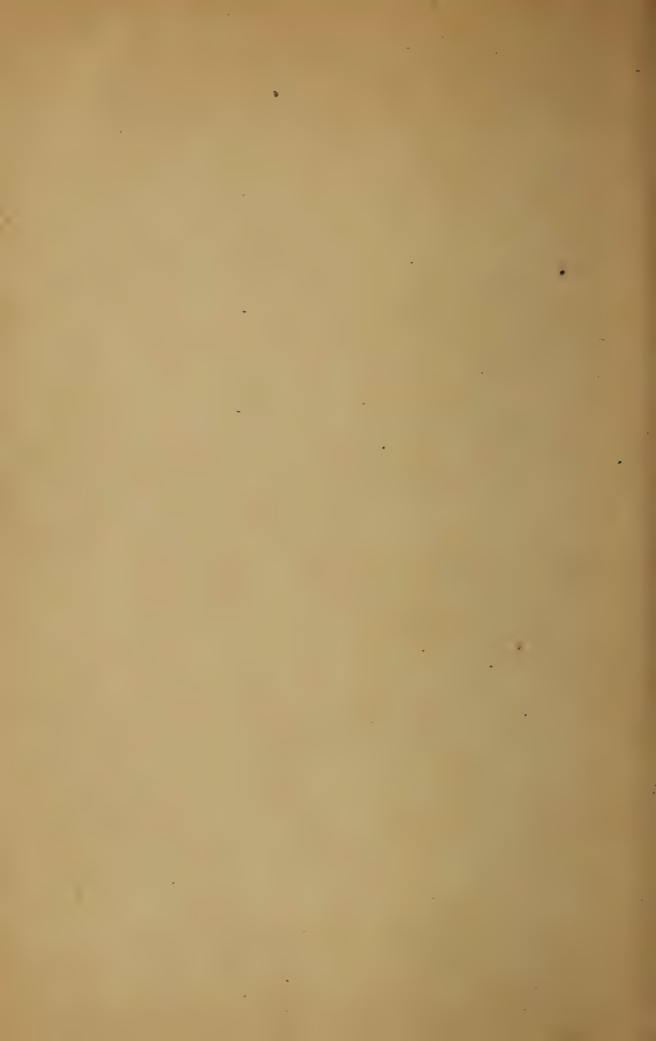
O povo, vendo a figura
Do juvenil cavalleiro,
Pasmava de tal candura,
Mais que da propria estatura
Do extraordinario guerreiro!

Foi só um momento, após,
Após o enlevo divino,
Rompeu no seu desatino,
Bradando:
—«Senhor por vós,
Morreremos todos nós!

Lá vae, no seu trajo airoso:

Jaqueta verde, bordada,
Toda a rosas virginaes.
Sem couraça e sem braçaes,
Levando apenas a espada!

Alteia o sol. Trespassado
De frechas de luz, lá vae
Dom Nuno á morte... á victoria...
A' tempestade da gloria,
Com o povo, e coroado
De clarões como o Sinai!

ULTIMA FAISCA

NAS ARRIBAS DO MAR

Por todo este almaraz ao terreno ondulando,
Tal como ondula o mar, quando o tempo está brando,
Nos contrastes de luz, no variado matiz,
Nenhum lhe dá de rosto em volta do paiz.

As folhas dos trigaes, vinhedos e pomares,
Pendendo para o mar á beira dos algares.

Val de Flôres, Rosal, a fecunda Sobreda,
Conservando a azinhaga e a sombria vereda.

As «Villas de Azeitão», o médo de Albufeira,
A Charneca, formando uma enorme clareira
Cingida de pinhaes. No gracioso recorte,
Cintra, no seu perfil, campeando sobre o norte.

A Arrabida domina ufana o Sado e Tejo.
Não tem outra rival por todo esse Alemtejo.

O Atlantico á barra. O rio, a desaguar,
Funde na vaga azul a tinta verde-mar.

Seja em que ponto fôr é relancear a vista;
Sempre, no vasto quadro, uma nota imprevista.

Rompe um formoso dia. O mar azul e manso.
Vem as redes á Costa, e com soberbo lanço.

De toda a povoação, e remotos casaes,
As récovas lá vão a travez dos juncaes.

E a trepar a ladeira, — a saia coruscante,
A cestinha á cabeça, o lenço fluctuante, —
Correm, com seus pregões, á venda, as raparigas,
Pregões que têm um tom de jovenis cantigas!

Cae a noite. O farol, as frechas rutilantes,
Atira pelo oceano e guia os navegantes.

Accendem-se tambem Bugio e Sam Julião.
A cidade illumina, e reflecte o clarão
No Tejo que lá vae, na veia crystallina,
Levando, a scintillar, o véo da tremulina.

Fragueiro e caçador, sahi a monte um dia;
Sinto agora, ao lembral-o, um travo de agonia!

Tinha morrido um rei. E rei morto, rei posto.
Seguiu o filho ao pae n'esse arriscado posto.

Era moço e feliz. Exuberante a vida.
Varonis as paixões e proprias para a lida.

Artista e monteador. A corôa real,
Contra o seu coração, tinha um quê funeral;
Pairava em volta d'ella um sopro sybilino,
Como que a prenunciar o tragico destino!

Circumdaram o rei diversos conselheiros:
Não faltam nunca ao throno alguns aventureiros.

Mas um d'elles, audaz, achegando-se a elle,
Melifluo e seductor, esse é que foi aquelle
(Elevado talento e pulso de escriptor!)
Que o dominou n'um ai!
Fatal embaidor!

O Brazil, nosso irmão, fez se republicano,
E disse o ultimo adeus ao velho soberano,
Na sua posição de austero democrata,
Com toda a polidez de um velho aristocrata.

Nada de jacobino! Em prol da causa publica
Não quiz mandões bufando ao lado da republica.

Cá, em vez de influir, no seu rei, o mentor
A prudencia, a cordura o sacrosanto amor,
Inspirou-lhe no peito o tedio á liberdade;
Abrindo-lhe um abysmo, excitou-lhe a vaidade,
Veneno capital do coração humano!

Devoto para fóra, e por dentro profano,
Conseguiu afinal, no frio scepticismo
Infiltrar no monarcha o fel do despotismo!

Quando a morte o prostrou, seguiram-lhe na esteira
Uns quantos servilões de condição rasteira,
Gente de pouca monta, e comtudo fatal,
Que deu, com seu influxo, o sangrento final!

No Porto, o bom burguez, encarando o futuro,
Rompeu n'um rasgo heroico, embora prematuro.
Trahiram-no. Depois, adversa a sorte ignota,
Atirou sobre nós, subita, a bancarrota!

Que funesto reinado!... Inda o terrivel dia,
Em que eu, sobre este Monte, em tarde agreste e fria,
Vi bordejar, ao largo, esquadra prepotente,
Obra infanda e brutal de torvo potentado,
De extrangeira nação, ministro omnipotente!...

Assassinos moraes deviam ser punidos,
Como são, nas galés, os maximos bandidos.

Este, ao contrario, foi... ás nuvens exaltado!

Roberto Arthur Talbot de Gascoigne e Cecil.
Que pomposo appellido e que chatim tão vil!

Maldito sejas tu, na tumba, scelerado!

Tirou-me, a indignação, das arribas do mar,
Do encanto d'este sitio, alegre e salutar!

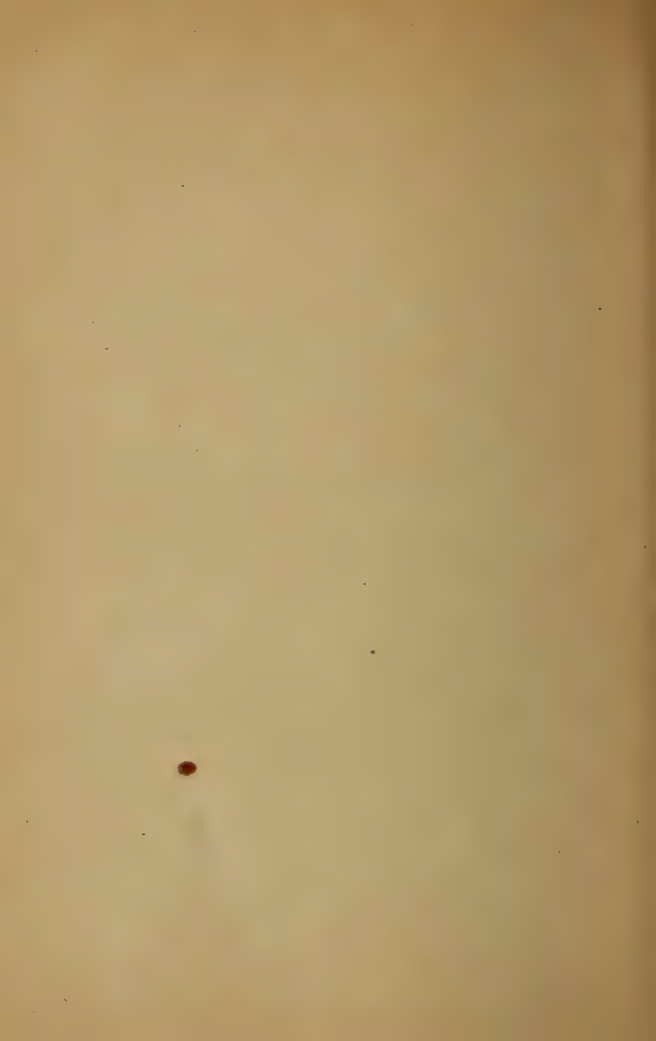
Seio da natureza!... a paz do coração
Só a posso encontrar em ti e na oração;
Na sagrada oração:

«Amar e perdoar!

«Dás-me o pão,
«A saude,
«A alegria,
«O amor de irmão a irmão,
«A consciencia do bem!

«Bemdita sejas tu,
«E para todo o sempre:

«Amen!»

Monte. Torre.—Março, 31, de 1908.

NOTAS

NOTAS

Pag. 47 a 86

Os versos que vão com a rubrica *Hoje* são do livro intitulado *Hoje*, publicado quando vim para estes sitios e cuja edição se esgotou ha muito. Entendi colligil-os nos *Improvisos do Monte.*

Pag. 88

...emquanto na cardoza...

Nos diccionarios que tenho á mão e no *Ilucidario* de Santa Rosa de Viterbo não vem *cardoza*. É corrente no campo. Casa onde os criados da lavoira e os ganhões recolhem para a ceia e dormida.

Pag. 129

No seculo xiv. Pensei fazer um poema sobre esta epocha como já se têm feito romances e dramas. Senti, porém, que ainda que me não abandonasse completamente a imaginação de todo me faltava o tempo. Vão apenas alguns episodios.

Pag. 176

—«Lisboa, eu te veja um dia,
Terra maldita arrazada,
E voltada pelo arado!»

Essa mesma praga, soltada por Leonor Telles ao deixar Lisboa e partir para Alemquer, é posta por Fernão Lopes na bôca do rei de Hespanha ao levantar do cerco.

Pag. 178

—«Metter-me a mim n'um convento!...
Mettei freira, se quizerdes,
Vossa irmã, se irmã tiverdes.

Palavras de Fernão Lopes.

Pag. 186

—Diz-me a vontade, senhor,
Que é Nuno Alvares Pereira.
Responde-lhe el-rei sanhudo:

Todo este dialogo de Pero Sarmento com o rei de Hespanha foi batido sobre a prosa de Fernão Lopes.

INDICE

INDICE